

## Ramón Mariño Paz

*Fonética e fonoloxía históricas da lingua galega*

Vigo: Edicións Xerais de Galicia. 2017. 699 pp.

Recensión de Paulo Osório, Universidade da Beira Interior

**A**PESAR de existirem importantes estudos gramaticais para o galego actual, nomeadamente os traballos sistemáticos e bastante descritivo-interpretativos de Álvarez, Regueira e Monteagudo (1986) e Álvarez e Xove (2002), bem como traballos de natureza diacrónica, como sejam, a título ilustrativo, os estudos de Maia (1986) e Mariño Paz (1998), a comunidade científica carecia de um volume como o que Ramón Mariño Paz traz a lume, em 2017, através das Edicións Xerais de Galicia: *Fonética e Fonoloxía Históricas da Lingua Galega*. O livro em análise institui-se, pois, a partir do momento da sua publicação, como uma obra de referência no âmbito dos estudos linguísticos que têm como escopo a língua galega, no que respeita a questões de natureza fonética e fonológica diacrónicas.

Começaria, em primeiro lugar, por realçar a importância do capítulo I, em que o Autor traça, de modo clarividente e bem fundamentado, problemáticas teórico-metodológicas intrínsecas, a meu ver, ao âmbito da Linguística Histórica. Sendo o objeto de estudo da Linguística Histórica a mudança linguística, torna-se extremamente produtiva a questão da variação e da própria mudança linguística nas línguas naturais. Aliada a estas noções, sublinho os contextos sociolinguísticos que Mariño Paz nos invoca, de que são exemplos os capítulos II (ponto 1), III (ponto 1) e IV (ponto 1) da sua obra. O livro é, assim, constituído por quatro capítulos fundamentais que, desde questões de ordem mais teórica e epistémica até aspetos de análise de fenómenos fonéticos e fonológicos, descreve a história da língua galega, passando pela análise dos sistemas vocálico e consonântico, percorrendo a trajetória diacrónica do galego e retomando a sua evolução desde o latim até ao galego contemporâneo. Estamos, na verdade, cientes de que a transição do latim para o romance coloca problemas devido ao progressivo distanciamento estrutural entre os romances e o latim. A partir de um determinado momento tais idiomas, resultantes da evolução da língua latina, começam a autonomizar-se da sua origem. Trata-se de um problema de natureza sociolinguística que o Autor primorosamente aqui equaciona. O conjunto dos capítulos brilhantemente arrolados, ao longo destas páginas, parece fazer jus à empreendedora afirmação de Mattos e Silva (1991), em que, segundo a Linguista Brasileira, «(...) a *teoria da mudança* da Sociolingüística considera que o passado pode informar sobre as variações e mudanças em curso no presente, da mesma forma que a análise de variação e mudança no presente abre caminhos para uma melhor interpretação de fatos do passado» (p. 46). Realço, ainda, de forma muito vincada, a metodologia

seguida por Mariño Paz na selección de fontes documentais que abrangem atestacións do galego medieval (e latim vulgar), do galego médio e do galego contemporâneo (cf. pp. 579-591). Algumas fontes consultadas resultam de outros materiais trazidos, anteriormente, a público pelo Instituto de Lingua Galega da Universidade de Santiago de Compostela, dos quais destaco os *corpora* TMILG e DDGM e, ainda, outros recursos, com proveniências diversas, do mais elevado nível filológico, tais como o CODOLGA e GLOSSA, que o Autor, logo no início da obra (p. 9), anuncia. De grande facilidade metodológica para o leitor, destaco o «Índice de palabras e voces onomásticas galegas, portuguesas e asturianas» (pp. 623-690) que não só nos propicia uma leitura mais atenta desta investigação, como, igualmente, nos poderá abrir pistas para outros trabalhos decorrentes deste. Para além de tudo, o «Índice de táboas» (pp. 621-622) constitui uma ferramenta da maior utilidade. Digno ainda de assinalar, temos a extensa bibliografia aqui compilada que, não só revela os inúmeros contributos trazidos para esta robusta produção, como, por maioria de razão, nos permite recentrar este estudo como um marco nos Estudos Linguísticos atuais, contendo um carácter altamente inovador e com dados inexplorados até agora.

Os quatro capítulos possuem extensões diversas. O capítulo I (pp. 13-109) aborda dimensões teóricas importantes, já evidenciadas, como sejam as noções de variação e de standardização linguísticas, sem deixar de referenciar, desenvolvidamente, os problemas inerentes à mudança linguística. Neste capítulo, Mariño Paz escarpaliza, também, a problemática das fontes de estudo para a Linguística Histórica Galega, uma vez que «O grande e irresoluble problema da lingüística histórica é o da insuficiencia das súas fontes de estudo, que é especialmente aguda en todo o relativo ás fases históricas mais recuadas das linguas (...)» (p. 78). O segundo capítulo (pp. 101-426), bastante mais extenso que todos os outros, ocupa 325 páginas. Contemplando dezasseis séculos de vivência sociolinguística da Galiza em que «(...) a nossa lingua viñera aflorando xa desde varios séculos antes na documentación en latín que se producira nos distintos escritorios da nossa terra» (p. 107), o referido capítulo aborda questões respeitantes ao vocalismo e ao consonantismo, sem deixar de apontar a cronologia dos fenómenos estritamente linguísticos em análise. O terceiro capítulo (pp. 427-527) dedica-se ao galego médio, onde são analisados alguns fenómenos de mudança verificados no período de transição do galego medieval para o médio — a questão de flutuação do vocalismo átono, fenómenos de desnasalização, sibilantes, entre outros. Este capítulo inicia-se com um contexto sociolinguístico que caracteriza a situação da Galiza em finais da Idade Média. O último capítulo (pp. 529-578) caracteriza o galego contemporâneo e, para além de tratar de fenómenos mais recentes de mudança (a título de exemplo, as inovações no sistema vocálico, a questão das sibilantes, o retrocesso da *gheada*), faz, também, um enquadramento sociolinguístico,

no qual o autor afirma categoricamente: «Na realidade, as grandes innovacións socialmente modernizadoras e capaces de alterar en profundidade o escenario sociolingüístico madurado durante o Antigo Réxime non se estabilizaron nin se xeneralizaron na nosa terra ata ben avanzado o século xx» (p. 531).

Gostaria, ainda, no âmbito desta recensión, de categorizar a obra em apreço. Por razóns a que aduzirei seguidamente, considero este estudo como inscrevendo-se numa nomenclatura de “Gramática Histórica”. Quanto à noção de *gramática histórica* revelam-se fundamentais as palabras avisadas de Ana Maria Martins (1995), referindo que as gramáticas históricas são importantes para o investigador que desenvolve a sua atividade em Linguística Histórica. No estudo mencionado, a Autora reflete acerca das condicións necesarias para que uma gramática pertença ao género de “gramática histórica” e vai mais além ao afirmar que a «mudança radical» anunciada, em 1960, por Malkiel, ainda não teve lugar. Para cumprimento dos seus objetivos, a Autora cita algumas definicións de *gramática histórica* aduzidas por gramáticos como Adolfo Coelho, António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, Eduardo Carlos Pereira, Ismael de Lima Coutinho e Yakov Malkiel. Da análise destas definicións, Ana Maria Martins retira alguns parâmetros que subjazem a tal noção: (i) deve ser comparativa e os fenómenos singulares a abordar deverão ser analisados «entre dois estádios sucessivos de uma língua suficientemente distantes (...)» (p. 55); (ii) o período a estudar deverá ser o mais vasto possível, a fim de que se possa definir e estudar com maior rigor os fenómenos linguísticos em mudança; (iii) terá de sistematizar sobretudo aspetos de natureza estrutural. Ana Maria Martins conclui que nem todos os trabalhos diacrónicos constituem *gramáticas históricas*, as quais deverão ser, deste modo, exaustivas, completas, podendo, no entanto, contemplar apenas uma única área de descrição linguística. Por isso, será possível aceitarmos uma *Fonologia histórica*, uma *Sintaxe histórica* como gramáticas históricas. Observa a Autora que muitos dos trabalhos de natureza diacrónica produzidos em finais do século XIX e inícios do século XX não constituindo gramáticas históricas dão, obviamente, importantes contributos para a Linguística Histórica. Sendo necesarias mais gramáticas deste género, Ana Maria Martins afirma: «No domínio do português, pelo menos, não parece que uma NOVA gramática histórica esteja, por enquanto, no horizonte» (p. 66).

Diria eu, agora, que muito me regozijo, todavia, que para o galego, Ramón Mariño Paz nos tenha brindado com uma gramática histórica, no âmbito da fonética e da fonologia históricas, de tão elevada qualidade académica e que mudará, decisivamente, o rumo bibliográfico existente até ao surgimento deste modelar estudo.

## Referências

- Álvarez, Rosario, Xosé Luís Regueira & Henrique Monteagudo. 1986. *Gramática galega*. Vigo: Galaxia.
- Álvarez, Rosario & Xosé Xove. 2002. *Gramática da lingua galega*. Vigo: Galaxia.
- Maia, Clarinda. 1986. *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal do século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Mariño Paz, Ramón. 1998. *Historia da lingua galega*. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco.
- Mariño Paz, Ramón. 2017. *Fonética e fonoloxía históricas da lingua galega*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
- Martins, Ana Maria. 1995. “Gramáticas históricas do português”. En: *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. III, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 53-71.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 1991. *O português arcaico. Fonologia*. Bahia: Editora Contexto.